



Reportagem da Agência Lusa sobre Manuel Figueira

*** Raul M. Marques, da Agência Lusa ***

Lisboa, 23 de Outubro de 2009

Pintar, para o cabo-verdiano Manuel Figueira, continua a ser - é ele a dizê-lo - "aquilo que foi desde o início", um acto natural, uma "necessidade vital", sem "outras preocupações mais transcendentais do que isto".

Mostras dessa pulsão e da sua prática como pintor estão patentes até ao dia 28 de Novembro na Perve-CeutArt, a Alcântara, numa exposição antológica que de algum modo complementa a que a Perve Galeria, a Alfama, realizou em 2005 (Visões de infinito).

Entre uma e outra há, no entender de Carlos Cabral Nunes, responsável da galeria, algumas diferenças.

Na que está agora patente, explica, estão 126 obras que referenciam "todos os períodos artísticos relevantes na vida e na obra de Manuel Figueira. Esta tem características antológicas, na medida em que faz também uma abordagem entre os anos 60 e a actualidade, mas sem preocupação retrospectiva, no sentido de ir buscar obras a todos os momentos".

Há aqui, frisa, "uma preocupação mais antológica, no sentido de procurar as obras mais significativas, alguns momentos mais significativos na carreira dele".

Cabral Nunes divide a obra patente na Perve CeutArt em quatro fases: "Exórdio", produzida em Lisboa entre 1962 e 1964 (a primeira), "Estro: Goya, Escola de Belas artes e artistas nacionais" (a segunda), "Reconcentração selecta", referente aos anos de Mindelo e Santo Antão (a terceira) e "Período 'intemporalis' Coetâneo" (a quarta). Manuel Figueira aceita sem sobressalto a divisão.

"Cabral Nunes - diz à Lusa - detecta na minha obra quatro períodos. Eu não tenho esse tipo de preocupação. Sempre trabalhei de acordo com acontecimentos que estão ligados à humanidade em geral. Se houve esta ou aquela influência, deste ou daquele artista, surge-me naturalmente e com paixão. Não sou de meditar muito, de intelectualizar muito a questão da cultura".

Paixões, sim, teve-as, tem-nas ainda. Três delas foram e são absolutas: Goya foi a primeira, ainda em Portugal, estudante das Belas Artes - o "período negro" do pintor espanhol marcou-o - depois, Miguel Ângelo e a obra obsessiva, de "uma força esmagadora", da Capela Sistina, e finalmente o brasileiro Portinari.

"Portinari - observa - tem muito a ver com Cabo Verde. Eu olho para figuras de camponeses de Cabo Verde e vejo figuras de Portinari, os traços da mestiçagem".

Hoje, tal como quando, aos 18-20 anos, o militante do PAIGC e futuro ministro dos Negócios Estrangeiros Abílio Duarte o aconselhava a "pintar ao natural", Manuel Figueira cultiva o hábito de "andar pela rua, vendo as pessoas, falando com as pessoas, observando as coisas aparentemente mais elementares".

Para esse trabalho, assevera não rejeitar qualquer técnica, qualquer linguagem, "qualquer corrente que tenha existido no campo das artes plásticas ou que esteja presentemente funcionando", seja ela "chinesa, japonesa, americana, francesa, não importa o quê".

Aceita tudo, insiste, naturalmente, "sem confusão" e, " no momento de criar, no momento de pintar, de fazer o desenho", não pensa em ir por esta ou aquela via estética. "Sai-me naturalmente. Não sou um teórico da pintura. Faço as coisas de acordo com a minha sensibilidade, sem perder de vista o real que pulsa à minha volta".

Manuel Figueira nasceu em 1938 na ilha de São Vicente e, entre 1960 e 1974, viveu em Portugal, tirando em Lisboa o Curso Complementar de Pintura da Escola Superior de Belas Artes.

Algum tempo depois da Revolução de 25 de Abril de 1974 regressou a Cabo Verde, onde fundou a Cooperativa Resistência e, entre Janeiro de 1978 e Março de 1989, foi director do Centro Nacional de Artesanato.

Expôs várias vezes em Portugal, em Cabo Verde, Espanha, Bélgica, Estados Unidos e Brasil, entre outros países.

Lusa/fim